

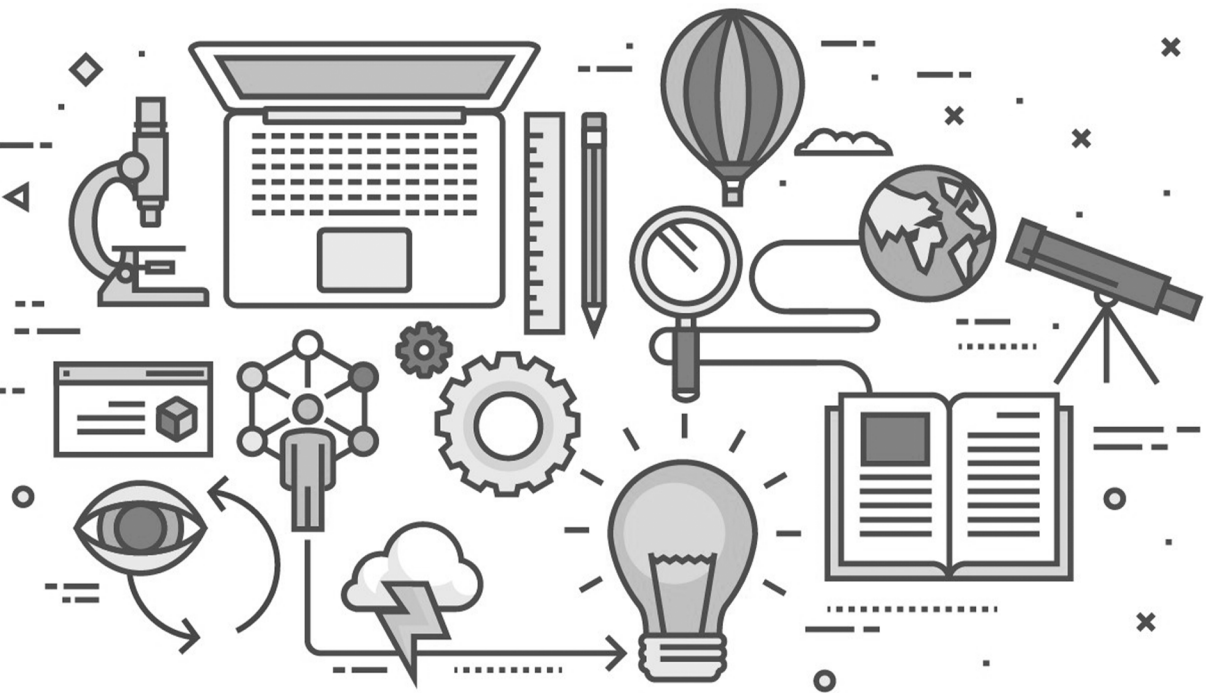


**Elói Martins Senhoras
(Organizador)**

Políticas Públicas na Educação e a Construção do Pacto Social e da Sociabilidade Humana

2

Atena
Editora
Ano 2021



**Elói Martins Senhoras
(Organizador)**

Políticas Públicas na Educação e a Construção do Pacto Social e da Sociabilidade Humana

2

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^a Dr^a Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^a Dr^a Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^a Dr^a Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^a Dr^a Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abráao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz

Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Políticas públicas na educação e a construção do pacto social e da
sociabilidade humana

2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Elói Martins Senhoras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P769 Políticas públicas na educação e a construção do pacto social e da sociabilidade humana 2 / Organizador Elói Martins Senhoras. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-724-6

DOI 10.22533/at.ed.246211601

1. Educação. 2. Políticas públicas. 3. Sociabilidade humana. 4. Diversidade. 5. Inclusão. 6. Gestão. I. Senhoras, Elói Martins (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O presente livro, “Políticas Públicas na Educação e a Construção do Pacto Social e da Sociabilidade Humana: Agendas Temáticas”, apresenta uma diversidade de leituras que valorizam a realidade empírica a partir de instigantes abordagens alicerçadas em distintos recortes teóricos e metodológicos, fundamentando-se em uma plural compreensão sobre o campo educacional *lato sensu*.

Estruturado em vinte e nove capítulos que mapeiam temáticas que exploram as fronteiras do conhecimento educacional, esta obra é fruto de um trabalho coletivo constituído pela reflexão de 53 pesquisadores oriundos nacionalmente das regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste, bem como internacionalmente do Chile, Espanha e Portugal.

As análises destes capítulos foram organizadas neste livro tomando como elemento de aglutinação cinco eixos temáticos, os quais são identificados, respectivamente, por abordagens empíricas sobre: a) política educacional, b) gestão escolar, c) educação, diversidade e inclusão, d) educação especial, e, e) educação de jovens e adultos.

Com base nestes eixos temáticos, a presente obra coaduna diferentes prismas do complexo caleidoscópio educacional, caracterizando-se por um olhar que estimula a pluralidade teórica e metodológica, ao apresentar distintos estudos que visam em sentidos contraditórios, tanto, delimitar a fronteira disciplinar, quanto, ampliar a dinâmica fronteira multidisciplinar.

A construção epistemológica apresentada neste trabalho coletivo busca romper consensos, findando demonstrar a riqueza existente no anarquismo teórico e metodológico das Ciências da Educação em resposta à complexa realidade empírica, razão pela qual convidamos você leitor(a) a nos acompanhar à luz do ecletismo registrado nos estimulantes estudos empíricos deste livro.

Excelente leitura!

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

SUMÁRIO

AGENDAS TEMÁTICAS

CAPÍTULO 1..... 1

ESCOLA SEM PARTIDO: INTENSIFICANDO A FORMAÇÃO IDEOLÓGICA DA CONSCIÊNCIA

Matheus Eduardo Rodrigues Martins

DOI 10.22533/at.ed.2462116011

CAPÍTULO 2..... 16

MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E A PEC 55: DESAFIOS PARA O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

Welline Dayane Reis Ribeiro

Antonio Paulino de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.2462116012

CAPÍTULO 3..... 24

INCOERÊNCIAS DA BNCC

Eduardo Ribeiro Mueller

Attico Inácio Chassot

DOI 10.22533/at.ed.2462116013

CAPÍTULO 4..... 40

A EDUCAÇÃO PÚBLICA BÁSICA E SEU FINANCIAMENTO NO ARAGUAIA MATOGROSSENSE

Odorico Ferreira Cardoso Neto

DOI 10.22533/at.ed.2462116014

CAPÍTULO 5..... 57

A UTOPIA E A CONTRADIÇÃO DA FORMAÇÃO INTEGRAL NO ENSINO MÉDIO: CONCEITOS E SIGNIFICADOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA

Silvana Camargo de Castro

Eduani de Cássia Souza Teodoro

Thaís Oliveira Lima

DOI 10.22533/at.ed.2462116015

CAPÍTULO 6..... 67

APLICAÇÃO DO CURSO FIC EM AGRICULTURA FAMILIAR NA COMUNIDADE DAVINOPOLIS, ARAGUATINS - TO

Cleudiane Chaves da Silva

Kelly Cristina Figueiredo Guimarães

Késia Chaves da Silva

Mônica Santos Lopes Almeida

Thiago de Loiola Araújo e Silva

Waléria da Silva Nascimento Gomes

DOI 10.22533/at.ed.2462116016

CAPÍTULO 7	74
QUALIDADE EM EDUCAÇÃO E GESTÃO: QUE FATORES IMPLICAM? Bruna de Oliveira Santos Fernanda Ferreira dos Santos Rosângela da Silva Fernandes Maciel DOI 10.22533/at.ed.2462116017	
CAPÍTULO 8	85
RECONHECENDO AS MELHORES PRÁTICAS DA LIDERANÇA DISTRIBUÍDA EM EQUIPE DE GESTÃO ESCOLAR MADRID Ingrid del Valle García Carreño DOI 10.22533/at.ed.2462116018	
CAPÍTULO 9	99
RELAÇÃO PEDAGÓGICA ENTRE SUPERVISORES E PROFESSORES NO COTIDIANO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES ADVINDAS DO ESTADO DA ARTE Luysienne Silva de Oliveira Maria Núbia Barbosa Bonfim DOI 10.22533/at.ed.2462116019	
CAPÍTULO 10	108
AS RELAÇÕES DO PROFESSOR COM O ALUNO EM PESQUISAS BRASILEIRAS (2008-2012): UM ABISSAL DE VIOLÊNCIAS Adriele Gonçalves da Silva Marilda da Silva DOI 10.22533/at.ed.24621160110	
CAPÍTULO 11	122
A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ESCOLAR SOB A DEMOCRACIA UTÓPICA NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI Tulane Silva de Souza Pedrosa DOI 10.22533/at.ed.24621160111	
CAPÍTULO 12	136
CIDADANIA: EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL Antonio Pedro Ferreira da Silva DOI 10.22533/at.ed.24621160112	
CAPÍTULO 13	147
CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM OLHAR PARA OS PROJETOS PEDAGÓGICOS Dilson Henrique Ramos Evangelista Cristiane Johann Evangelista DOI 10.22533/at.ed.2462116013	
CAPÍTULO 14	156
A ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE: REFLEXÕES SOBRE DIVERSIDADE E	

INCLUSÃO	
Sara Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.24621160114	
CAPÍTULO 15	168
PROJETO CLIQUE DA DIVERSIDADE CULTURAL E RELIGIOSA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE VILA VELHA - ES	
Sônia Maria Dias	
Ivani Coelho Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.24621160115	
CAPÍTULO 16	174
LA INTERVENCIÓN DE MAUS TRATOS EM PESSOAS IDOSAS. PROMOÇÃO DO BOM TRATAMENTO AO IDOSO	
Rocío Cruz-Díaz	
DOI 10.22533/at.ed.24621160116	
CAPÍTULO 17	187
INCIDENTES CRÍTICOS EN LAS PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS DE FUTUROS PROFESORES. LA INCLUSIÓN EDUCATIVA: UN DESAFÍO	
Myriam Díaz Yáñez	
Jorge Alarcón Leiva	
DOI 10.22533/at.ed.24621160117	
CAPÍTULO 18	207
APLICAÇÃO DA LEI 10.639/03 NO ENSINO DE REAÇÕES QUÍMICAS	
Leticia Maria Leda	
DOI 10.22533/at.ed.24621160118	
CAPÍTULO 19	216
A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS NUMA ESCOLA PROFISSIONAL: PERSPETIVA DOS PROFESSORES	
Patrícia Joana Calixto	
José Brites Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.24621160119	
CAPÍTULO 20	228
ANÁLISE SOBRE OS ENTRAVES DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA OS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA	
Cristiane Carminati Maricato	
DOI 10.22533/at.ed.24621160120	
CAPÍTULO 21	230
AS PERCEPÇÕES DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS SOBRE OS ASPECTOS QUE INFLUENCIAM A SUA PRÁTICA PROFISSIONAL NO ENSINO BÁSICO	
Camila Gasparin	
Lísia Regina Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.24621160121	

CAPÍTULO 22.....	237
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM PERSPECTIVA ENTRE AMBIENTES DE ENSINO: O BILINGUISMO NAS SALAS DE RECURSO E EM SALAS DE INCLUSÃO	
Éverton Bernardes Wenceslau Pâmela Cristina Pereira Gonzaga	
DOI 10.22533/at.ed.24621160122	
CAPÍTULO 23.....	246
FAMÍLIA: PROGRAMA DE APRENDIZAGEM DE VIDA PRÁTICA PARA ADOLESCENTE SURDOCEGA	
Rita de Cássia Silveira Cambuzzi Maria da Piedade Resende da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.24621160123	
CAPÍTULO 24.....	255
O PROCESSO DE AVALIAÇÃO PSICOEDUCACIONAL E ORIENTAÇÃO EM INDIVÍDUOS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL	
Jéssica Araújo Carvalho Jassonia Lima Vasconcelos Paccini	
DOI 10.22533/at.ed.24621160124	
CAPÍTULO 25.....	265
PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO VISUAL PARA O ENSINO DA CLASSE GRAMATICAL ARTIGO PARA ALUNOS SURDOS DO ENSINO FUNDAMENTAL 2	
Telma Cedraz dos Santos Gláucio de Castro Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.24621160125	
CAPÍTULO 26.....	279
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE JOVENS E ADULTOS NO IFSP DE CUBATÃO	
Gisele da Silva Pereira Wanda Silva Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.24621160126	
CAPÍTULO 27.....	286
TRABALHO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM COMBATE A EVASÃO	
Silvana Azevedo Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.24621160127	
CAPÍTULO 28.....	295
TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA: ÊNFASE NAS APRENDIZAGENS PELOS EDUCANDOS	
Helena Silva de Oliveira Maria Betanea Platzer	
DOI 10.22533/at.ed.24621160128	

CAPÍTULO 29.....	307
ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DO LAZER JUNTO A GRUPOS MARGINALIZADOS E DESQUALIFICADOS SOCIALMENTE	
Matheus Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.24621160129	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	315
ÍNDICE REMISSIVO.....	316

CAPÍTULO 11

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ESCOLAR SOB A DEMOCRACIA UTÓPICA NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI

Data de aceite: 04/01/2021

Data de submissão: 07/10/2020

Tulane Silva de Souza Pedrosa

UFPE

Recife

<http://lattes.cnpq.br/6610402830010113>

RESUMO: O acesso à educação escolarizada é uma herança herdada da história, sob as condições de igualdade entre os seres humanos. No Brasil, tardiamente ocorreu esta transformação nas relações interpessoais possibilitando a proximidade dos saberes escolares com um grande público. Esta condição hoje constitucional é inclusive caracterizada de democrática. Mergulhados na *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire desenvolvemos uma síntese do que é ser oprimido e “libertar-se” da ignorância ambivalente da nossa existência como cidadãos brasileiros. Com o propósito de apontar soluções para o alcance de metas alfabetizadoras para o sistema educacional brasileiro, este artigo se debruça em teorias sociais e levanta uma hipótese sobre o valor da inclusão escolar de indivíduos estatísticos. A leitura desses dados pelo olhar provocativo de Frantz Fanon, ambivalente de Hommi K. Bhabha, além da sede por educação libertadora de Paulo Freire e pelas lentes de Stuart Hall, desenrolamos nas linhas que seguem uma visão revolucionária utópica. Soluções a longo prazo sempre partem de um ponto, tentaremos esclarecer a que ponto

nos prendemos para darmos linha ao contexto educacional pós-colonial do País. O presente artigo se propõe em relacionar a história da construção organizacional brasileira com os problemas educacionais e apontar uma solução viável para melhorar a meta de alfabetização e fim da evasão escolar no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Democracia Utópica; Acesso a Educação; Educação e Racismo.

THE CONSTRUCTION OF SCHOOL KNOWLEDGE UNDER UTOPIAN DEMOCRACY IN THE FIRST DECADE OF THE 21ST CENTURY

ABSTRACT: Access to education is an inherited heritage of history, under the conditions of equality between human beings. In Brazil, this transformation in interpersonal relationships occurred late, enabling the proximity of school knowledge to a large public. This constitutional condition today is even characterized as democratic. Immersed in paulo freire's *Pedagogy of the Oppressed*, we developed a synthesis of what it is to be oppressed and “free” from the ambivalent ignorance of our existence as Brazilian citizens. With the purpose of pointing out solutions for achieving literacy goals for the Brazilian educational system, this article focuses on social theories and raises a hypothesis about the value of school inclusion of statistical individuals. The reading of these data by the provocative look of Frantz Fanon, ambivalent of Hommi K. Bhabha, in addition to the place of liberating education of Paulo Freire and the lens of Stuart Hall, we unfold in the lines that follow a utopian revolutionary vision. Long-term solutions

always start from a point, we will try to clarify to what point we hold ourselves to give line to the postcolonial educational context of the country. This article aims to relate the history of Brazilian organizational construction with educational problems and to point out a viable solution to improve the goal of literacy and end of school dropout in Brazil.

KEYWORDS: Utopian Democracy; Access to Education; Education and Racism.

INTRODUÇÃO

O discurso de diferença cultural e educação escolarizada é pauta para debates em diversas circunstâncias cotidianas. Defendendo os termos aos quais intitulamos educação e cultura, como escolarizada e diferenciada, ressaltamos a equivalência que estas palavras têm quando usadas na academia para fins sociológicos. Não estamos levantando uma bandeira que defini diferença cultural e educação escolarizada, mas, estamos defendendo que a educação escolarizada não é a única essência verdadeira do saber¹ e que diferença cultural é em si apenas, a cultura vista como particularidade socioeducativa modeladora e inclusiva/exclusiva.

A educação escolar é apresentada neste contexto como o palco da diferença cultural. E é na escola que presenciamos as primeiras organizações do saber científico “pós-colonizado” e neste mesmo espaço estão presentes as particularidades de cada indivíduo, quanto ao arcabouço cultural empírico doméstico e de certa forma, as particularidades sociais do meio em que cada ser humano vive.

Diferenças culturais estão presentes no mundo atual e globalizado, e estereótipos formados para indivíduos, grupos ou nações acabam se tornando o gatilho para o que chamamos de cultura. A cultura vista como o que define a identidade de cada indivíduo, grupos ou nações gera a divisão, que por sua vez contribui homeopaticamente para os pré-conceitos e racismos presentes na sociedade mundial.

No entanto, definir identidades perpassa dos conhecimentos a que se propõe este artigo, a ambivalência² das relações humanas pode naturalmente nos permitir dialogar com o que vivemos e sentimos, nos permitindo observar comportamentos individuais ou coletivos, pré-julgar com livre arbítrio e tomarmos como paradigma a cultura modeladora e identitária.

Como Stuart Hall menciona ao propósito de esclarecer, “O próprio conceito [identidade] como o qual estamos lidando, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posta a prova” (Hall, 2003, p.8).

Neste contexto, o olhar oprimido está presente nas relações não apenas como a “parte fraca” paradoxal, mas como sujeito moldado pela sociedade, estereotipado, pré-julgado e introjetado culturalmente num ambiente que está pronto para recebê-lo como

1 Ver em Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire.

2 Termo utilizado por Hommi Bhabha, como essência exploratória da cultura e da sociedade, comportamentos e ideologias vistas num diálogo ambivalente comparativo.

indivíduo estatístico e recluso, que não transpassará a margem em direção à uma nova perspectiva social, se não acompanhar as evoluções psíquicas intelectuais da cultura pós-colonialista.

Este sujeito não é apenas o negro, mas também o mestiço, ou pardo que se encontra em uma classe social de baixa renda e mora em locais suburbanos. No geral, os mestiços ou pardos que se encontram em uma classe social de alto nível financeiro sofrem outros tipos de pré-conceitos, mas, se adéquam ao meio onde estão inseridos pelo fato de atingirem o mesmo grau de intelecto da parte opressora pós-colonialista.

“Não tendo uma identidade fixa [o sujeito pós-moderno] torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2003, p.12). Fanon vem chamar esta representação e interpelação dos sistemas culturais de embranquecimento. Quanto mais próximo do comportamento socioeducativo europeu e colonizador, mais aceito é o indivíduo na sociedade branca.

Hommi Bhabha por sua vez, classifica o “espaço do povo” como uma das bases para designar os sujeitos e suas representações. A nação, que remete união termina por ser representada pela ambivalência do ser pobre ou rico, negro ou branco e neste sentido os seres humanos se dividem e se condenam. No caso do negro nascido a partir do século XVI, o fato de existir já o condena.

O mundo está cheio de signos, símbolos e enigmas de identidade. Abordar a evolução sobre o ponto de vista cultural educacional nada mais é que traçar uma linha progressiva da sociedade brasileira, sem alienações ou invenções sentimentais. Mas teorizado com o próprio arcabouço pós-colonialista, no discurso intelectual pós-moderno, e com os dados estatísticos governamentais³ atualizados.

METODOLOGIA

Partindo de preceitos filosóficos para identificar os traços da sociedade atual, (como o preconceito e o racismo) utilizamos como método sobre a gênese das palavras nos contextos, da epistemologia e da hermenêutica. Visto por exemplo em *Pele Negra Máscaras Brancas*, um livro que denuncia o preconceito de cor e o racismo vividos pelos homens de pele negra. Apresentado pelo olhar do médico psiquiatra e filósofo Frantz Fanon, sobre a construção da representação do africano, especificamente dos nascidos na Ilha de Martinica e os homens da Europa. Fanon expõe diversas situações onde o racismo é usado como ferramenta de opressão contra os negros no ocidente e deixa claro que o fato de que mesmo algumas pessoas não se identificarem com a proposta do livro e com o seu ponto de vista, sobretudo essa posição que se demonstra contrária a dele, não vai modificar a realidade de opressão vivida pelo negro.

3 Dados de pesquisas do Governo Federal e Ministério da Educação entre 1999 a 2011.

Neste artigo o recorte do espaço físico ocupado pelo oprimido⁴ é o Brasil, ou melhor, dizendo, as escolas brasileiras. Teremos como base a educação escolar, sem referência de uma instituição em particular, mas a cultura da educação escolarizada como um todo, afinal, as escolas públicas e particulares brasileiras têm por primazia uma mesma ideologia didática, funcional e governamental, chamada de “sistema⁵”.

Michael Young em seu texto “*Para que servem as escolas?*”, eleva o sentido da existência escolar para a aquisição do “conhecimento poderoso”. Conhecimento este que “liberta” o sujeito. Contraditoriamente, observamos também que a educação libertadora está de toda forma aprisionando o indivíduo em uma cultura escolar. Então neste artigo não nos prenderemos à ideologia escolarizadora, mas enfatizaremos que atualmente, a maneira pela qual os oprimidos tomarão posse de melhores condições de vida, é não tão somente através da educação escolarizada, mas principalmente por ela.

Mais a fundo, e abordando as temáticas kantianas sobre educação Alfredo Veiga Neto em “*Cultura, Culturas e Educação*”, diz:

Logo depois de dizer que a educação compreende o cuidado, a disciplina e a instrução e que é pela ação dessas duas últimas que se dá a formação (Bildung), Kant afirma: (Apud Kant, 1996, p.16) Não há ninguém que, tendo sido abandonado durante a juventude, seja capaz de reconhecer na sua idade madura em que aspecto foi descuidado, se na disciplina, ou na cultura (pois que assim pode ser chamada a instrução). Quem não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto; quem não tem disciplina ou educação é um selvagem. A falta de disciplina é um mal pior do que a falta de cultura, pois essa pode ser remediada mais tarde, ao passo que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina (NETO, 2003, p. 08).

Sobre educação escolarizada podemos dizer ainda, baseados no ensaio de Geraldo Barroso Filho, “*Da educação ‘libertadora’ à educação ‘libertada’: Um ensaio sobre o papel do Estado nas utopias educativas*”, que a sociedade brasileira capitalista deveria desejar “mais que nunca, uma ação educativa transformadora, voltada para superar a natureza intrinsecamente opressora e alienante da organização social fundada na hegemonia do capital.” (FILHO, 2010, p. 24).

Em suma, libertar e oprimir estão diretamente ligados à educação, a forma como o conhecimento é adquirido e o uso deste conhecimento para revolucionar uma situação é o que limita os oprimidos a invadirem definitivamente o mundo que os opressores criaram

4 Indivíduos que se auto declaram negros, ou mestiços, ou pobres ou ambos.

5 De acordo com o art. 21 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394/96), a educação escolar compõe-se de: I. Educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II. Educação superior. A educação básica «tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores» (art. 22). Ela pode ser oferecida no ensino regular e nas modalidades de educação de jovens e adultos, educação especial e educação profissional, sendo que esta última pode ser também uma modalidade da educação superior. «A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade» (art. 29). A educação infantil é oferecida em creches, para crianças de zero a três anos de idade, e pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos.

para o Brasil. Tirando o ser humano da zona de conforto psíquico, que o colocou como escória, e o colocar no ciclo do saber é poder.

Desmitificando, desordenando e reconhecendo que aprender é necessário para nivelar os seres humanos de uma nação. Colocar todos em um só patamar de conhecimento é revolucionar um contexto. Os sujeitos [oprimidos] pós-modernos na era pós-colonialista num país capitalista, devem abstrair o incômodo do racismo/preconceito e fazer existir o lado contrário da força do sistema.

Os negros trazidos da África⁶ com glóbulos o bastante para efetuar uma miscigenação, juntamente com os índios que aqui já viviam, ambos oprimidos no primeiro plano pelos Europeus⁷, deram origem ao jogo de “raças”. Filhos do estupro colonial os brasileiros natos abasteceram as senzalas de escravos e popularizaram o País de pessoas multicoloridas⁸.

Linda Heywood em seu texto introdutório à Diáspora Negra no Brasil, faz uma menção a quantidade estimativa de quantos negros entraram na América e no País, no entanto ela deixa claro que é impossível ter precisão dos fatos, os negros eram de muitas regiões, afastadas geograficamente e linguisticamente do Continente Africano. Entre 1500 e 1800 Linda coloca uma média de 500.000 negros inseridos no Brasil. No estudo de Darcy Ribeiro esta estimativa aumenta para 1,5 milhões de negros no Brasil entre as referidas datas⁹.

Através de uma imponderada discussão é possível perceber as contradições das quais se valiam pensadores contemporâneos de Fanon sobre o domínio da raça branca ocidental, considerada por eles superior a qualquer outra raça. Este domínio transcendeu séculos, e o que Fanon expele nas entrelinhas é que se sentir superior deu o direito dos brancos de possuir outros seres humanos, ou os serviços gratuitos de outros seres humanos.

Quando contesta o psicanalista francês Octave Mannoni em diversas de suas colocações, Fanon não só relata o fato de que ser negro incomoda os brancos, ele trata da questão empírica, de que o próprio negro se incomoda, não quer, não pode, não deve, não gosta, ou não se sente negro. Para Mannoni, a civilização europeia e seus representantes mais qualificados não podem ser culpados pelo racismo colonial.

Fanon contesta questionando o que significa o colonialismo senão uma obra de aventureiros, políticos e religiosos, representantes mais qualificados que se consideram acima de toda população. Além de negar a culpa Mannoni nega também a estrutura racista da Europa. Foram eles os primeiros iluministas os responsáveis em classificar as pessoas pelas raças e, hierarquizar essa classificação como raça superior e inferior baseadas na cor da pele.

6 Ver em Diáspora Negra no Brasil, O Povo Brasileiro e Casa Grande e Senzala.

7 “O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com a base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução.” (Bhabha, pág. 111).

8 Esquema cedido em: <http://www.coladaweb.com/historia-do-brasil/os-povos-no-brasil-miscigenacao>

9 Ver Tabela do livro O povo Brasileiro de Darcy Ribeiro. Pág. 151

Então Hommi Bhabha conclui esse jogo de identidades do oprimido e opressor numa questão de ambivalência do saber e do poder. Parafraseando-o e bebendo do sangue de Fanon, definimos que não temos como saber como o conhecimento intelectual dos negros era palpável o bastante para abastecer algum livro. Sabemos apenas que com toda certeza haviam negros reis e imperadores¹⁰, forjavam o ouro e a prata, tinham uma prática religiosa. Mas, apenas uma coisa os negros no geral não tinham em comum, uma língua fixa e identitária daquela nação preta.

Entendemos que desta forma não havia união estável entre os próprios negros. Eles não se comunicavam perfeitamente bem com os brancos, tampouco entre si, o que provavelmente tenha sido ponto de partida da descoberta dos Cristãos Europeus, para justificarem o escravismo negroiro.

À luz da Bíblia Sagrada¹¹, antes de tudo existir o vazio era o verbo, o verbo era a vida. E o verbo disse faça e tudo que não existia passou a existir. Assim, a fala é inerente ao homem que é semelhança viva e carnal do verbo. Primeiro pensamos depois existimos¹². E assim tudo se comunica pelo pensamento cósmico empírico, até se transformarem em signos, símbolos, fala e escrita. E sob a luz da ciência, nos primórdios da pré-história já havia a necessidade de comunicar-se, e assim era feito, com desenhos nas paredes das cavernas, cheios de significado empírico.

Para os Cristãos a fala é a resolução do espírito, sem uma língua característica e sem os sinais de comunicação familiares, os europeus viram nos negros, a excelente desculpa para escravizá-los. Se eles não tem uma linguagem significativa eles não têm alma. Sem alma o ser humano é um animal como qualquer outro. Bingo!

Cientificamente a alma é a consciência, o que necessariamente todo animal tem. A consciência está no cérebro e nas vibrações motoras deste órgão dos corpos dos animais, faz andar, comer, se comunicar, expelir dejetos e etc.¹³ Por este ponto de vista não seria

10 Material cedido pela Fundação Joaquim Nabuco. "Os Impérios e Reinados dos negros na África de Antes e Depois de Cristo".

11 Gênesis 2:20 - "*Havendo, pois, o SENHOR Deus formado a terra, todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome.*

12 *Esse dom do Espírito Santo não é o conhecimento que adquirimos de nossas observações, estudos, educação, experiência ou alguma habilidade natural, mas sim o conhecimento que ultrapassa todos os sentidos do ser humano. Em 1 Coríntios 12:7 os dons são chamados de "manifestações do Espírito". Esse dom do Espírito Santo tem como propósito revelar os pensamentos dos corações, conforme Lucas 5:22; 6:8; 7:36-50; 13:16 e Mateus 3:7-12, pode envolver os planos dos homens como ocorreu com o Rei Acabe em 1 Reis 21:17-20, pode envolver motivos como em Lucas 6:8; e geralmente declara conhecimento de fatos do passado, presente e futuro. Conteúdo da página Dom da Palavra do Conhecimento pr Lineas Domicianoartigos - espírito santo http://www.ifamilia.com.br/index/index.php?view=article&catid=68:espírito-santo&id=162:dom-da-palavra-do-conhecimento&option=com_content&itemid=61*

13 Nos animais, o pensamento e a linguagem têm várias raízes e desenvolvem-se segundo diferentes trajetórias de desenvolvimento. Este fato é confirmado pelos estudos recentes de Koehler, Yerkes e outros sobre os macacos. Koehler provou que o surgimento de um intelecto embrionário nos animais — isto é, o aparecimento de pensamento no sentido próprio do termo — não se encontra de maneira nenhuma relacionado com a linguagem. As "invenções" dos macacos na execução e utilização de instrumentos, ou no capítulo da descoberta de caminhos indiretos para a solução de determinados problemas, embora sejam sem sombra de dúvida pensamento embrionário, pertencem a uma fase pré-linguística do desenvolvimento do pensamento. (Lev S. Vygotsky. Pág. 37 Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores www.jahr.org)

necessário dizer que os Cristãos/Católicos estavam errados quanto a existência da alma do negro, inclusive à luz da própria bíblia¹⁴.

RESULTADO DO COTIDIANO HISTÓRICO REFLETIDO NO SÉCULO XXI

Como médico, Fanon explica que o negro só vai se reconhecer negro a partir do despertar dessa consciência, inicialmente pelo processo econômico, depois pela interiorização dessa inferioridade. Mesmo que o livro tome como referência os Antilhanos, nascidos na Martinica, os casos narrados por Fanon são muitos parecidos com a vivência no negro no Brasil, porque aqui a questão da raça está ligada diretamente a desigualdade social e ao colonialismo.

Considerando, raça, cor, rendimento familiar, formação e qualificação para o trabalho, a raça tornou-se critério de seleção e exclusão. Desse modo, apresenta-se a exemplo, como o pouco investimento feito na educação básica pública estimula a desigualdade social no país, pois penaliza o custeio e a qualidade da educação no Brasil atingindo diretamente crianças pobres e negras de diferentes formas, principalmente na morte da educação de qualidade (GATTI, 2004).

Então, o lugar do oprimido ao qual ele foi colocado desde as primeiras gerações não é por assim dizer confortável, e no fim do século XIX ficou claro para o Brasil que esta população nascida das senzalas e das ocas, não ocuparia este lugar de subserviência eternamente.

Após a abolição da escravatura no Brasil é que os brancos começam a perceber o tamanho da tensão entre os grupos de oprimidos e de opressores. A resistência contra ser escravo findara, mas e agora do que viverá o preto? Não se pode cobrar super desenvolvimento de um grupo depois de uma dura guerra de sobrevivência entre castigos e maus tratos. Uma coisa é vencer uma guerra outra coisa é vencer uma guerra pelo cansaço.

O primeiro estereótipo criado para o negro que vivia “em seu lugar de subserviência” foi o de burro. A ânsia pela leitura foi a primeira busca das senzalas e dos quilombos? Ou primeiro o preto estava apenas querendo ser um pouco livre? Esta história de que o negro é desinteressado dos assuntos e teorias do mundo não só generaliza um estado de espírito, como também condena todo negro a ser primeiramente desinteressado e depois burro. Alguns estudiosos tentaram inculcar o racismo científico na pós-modernidade, provando

14 Provérbios 24.3-14 Com sabedoria se edifica a casa, e com a inteligência ela se firma; e pelo conhecimento se encherão as câmaras de todas as substâncias preciosas e deleitáveis [**inclusive os corpos dos seres humanos**]. Um homem sábio é forte, e o homem de conhecimento consolida a força. Porque com conselhos prudentes tu farás a guerra; e há vitória na multidão dos conselheiros [**saber é poder**]. É demasiadamente alta para o tolo toda sabedoria; na porta não abrirá a boca [**se não tem com o que acrescentar não diga nada**]. Aquele que cuida em fazer mal, mestre de maus intentos o chamarão [**o conhecimento elabora uma categoria entre os homens**]. O pensamento do tolo é pecado, e é abominável ao homem ser pecador [...] Livra os que estão destinados à morte e salve-os da morte e salve os que são levados a matança, se assim puder. [**Passa o conhecimento a diante**]. Zacarias 4.6 Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos. [**grifos particulares sobre a interpretação bíblica**]

que a genética do negro o força a ser um bicho sem razão, apenas emoção e carne, blasfemando contra um possível teor genético destinado a violência.

Onde é o lugar dos oprimidos se não nas senzalas urbanas? E agora, quem é que quer ser oprimido? Estes questionamentos perpassam teorias evolucionárias, estamos inquietos por saber que a busca pelo sucesso capitalista é uma guerra. Onde o oprimido se vê mais uma vez na condição de serviçal. Na medida em que mais portas foram abertas, mais filhos de escravos estavam lá tentando entrar com o pé direito, e com o tempo, ninguém se sente mais servil, todos querem mandar.

No século XXI a batalha corre no mercado de trabalho, e para chegar neste lugar de guerra braçal e intelectual o caminho começa na escola. Este é o mundo branco deixado para os negros, a teoria deixada para o entendimento, o fim da busca do ser e do existir, a conclusão da obra. A escola foi única ferramenta social deixada para o uso pouco democrático do ser humano no Brasil pós-colonialista.

Porém, a inserção dos oprimidos neste contexto é o que desencadeia todas as linhas restantes deste artigo. Como inserir o negro, pardo, preto no contexto educacional escolarizado, se vetar a entrada destes neste espaço, foi a primeira iniciativa pós-colonial?

Como psiquiatra Frantz Fanon investiga os efeitos da soberania alienada imposta pelo ocidente, que coloca o homem negro no lugar de eterna subserviência, fazendo com que ele se sinta realmente inferior e busque o branqueamento como única saída diante da sociedade. Fanon afirma que, “A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter coragem de dizer: o racista é quem cria a inferiorizado” (FANON, 2008, p.90).

Ainda hoje não é considerada a vontade de um homem negro de ser igual aos outros homens. É triste não reconhecer o negro como edificante da construção do mundo contemporâneo dada à exploração e humilhação a qual lhe foi violentamente imposta. Para o homem negro à medida que ele vai assumindo uma postura independente, ele começa a incomodar o branco, que responde com a rejeição. O negro passa a se sentir realmente menor e feio. A sociedade européia impôs o tipo de beleza ocidental, sobretudo, mais uma vez pautada no engano e na alienação, pois quem poderá nos dizer o que é beleza.

De um dia para o outro os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referencia. Sua metafísica ou, menos pretensiosamente, seus costumes e instâncias de referências foram abolidos porque estavam em contradição com a civilização que não conheciam e que lhes foi imposta (FANON, 2008, p. 104).

Os negros tiveram que introjetar uma ideologia diferente da sua, os estereótipos criados pelos europeus, principalmente através de ilustrações procuraram inferiorizar o negro com características feias e caricaturadas. O negro começa a esquecer-se de sua essência étnica e passa a desejar o status físico, psíquico e social da classe dominante. Afinal, quem deseja ser oprimido e rejeitado?

Influenciados pelo sociólogo Gilberto Freyre¹⁵, muitos dos livros didáticos abordam a miscigenação no Brasil de maneira romantizada, harmoniosa e rica. Diferente dessa realidade de alienação imposta, o Brasil vive até hoje um racismo potencializado pelo mito da democracia racial onde o preconceito é simbólico. Desse modo o povo negro passa por um processo de esquecimento da sua cor e origem, passando a viver o mundo deixado pelos precursores da sociedade “brasileira”.

E se tratando de sociedade brasileira, podemos deixar em síntese que até mesmo no hábito corriqueiro de falar do Brasil sob a luz de estudiosos intelectuais, como o próprio Gilberto Freyre e claro, sob tudo aquilo que aprendemos na escola. Sempre maquiemos a escravidão com a religião e adornamos com os cocares pacíficos da igualdade racial pós-colonialista. E quase sempre lembramos que os negros nem eram “brasileiros”, mas os índios também não. Então, o que era ser brasileiro?

No entorno do descobrimento da Ilha Pascoal entre os séculos XVI e XVII havia o Pau-Brasil, os portugueses se apressaram a comercializá-lo e logo a Ilha passou a ser chamada pelo produto que a tornou conhecida. No entanto só era brasileiro quem comercializava a madeira cor de brasa. Índios, negros, mestiços e população sem casta definida não era se quer considerada como gente¹⁶.

O estigma sofrido pelo homem de cor, nada mais é do que uma triste herança deixada pela escravidão no mundo. As fortes consequências das humilhações, da inferiorização e do preconceito. Afinal, a realidade histórica do povo negro não está de todo ancorada nas atividades escravistas. Como podemos perceber no trecho que segue:

Eu pertencia a uma raça que há dois mil anos já trabalhava o ouro e a prata. Eles sabiam organizar cidades, administrar impérios, construir casas, cultivar os campos, fundir os minerais, tecer o algodão, forjar o ferro (...) Sua religião era bela, feita de misteriosos contatos como o fundador da cidade. Seus costumes agradáveis, baseados na solidariedade, na benevolência, no respeito aos idosos. (CESAIRE, apud. FANON 2008, p.119).

Já tendo abastecido este presente artigo com a decodificação do que consideramos racismo, embebidos de Frantz Fanon. Partilharemos por consequência os paradigmas abordados por Hommi Bhabha em seu livro *O local da Cultura.*, Bhabha não é um homem considerado negro, ele é indiano, e por mais que ele saia em defesa de que os países colonizados foram rasgados e arrancados de sua essência cultural, o discurso deste autor é especificamente científico.

Não que *Pele Negra Máscaras Brancas* não seja científico, mas Homi Bhabha não transpassa a emoção cognitiva embutida nos negros desde seu nascimento. Sofrer preconceitos para um negro é inato nas sociedades ocidentais. Em quanto para homens de

15 Versão digitalizada de Casa Grande e Senzala http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/freire/gilberto_casa_grande_senzala.pdf

16 Apenas em 1824 os nascidos no Brasil passaram a ser brasileiros independente de cor ou árvore genealógica - http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm.

pele de cor clara este fator só passa a incomodar quando ele é o mais escuro do grupo. Isso se explica, pois houve um tempo que ter repulsa aos negros era normal, textos do século XVIII comprovam isto.

Para autores cristãos, europeus, colonialistas escravistas e pensadores sobre racismo e escravismo, agir de forma repulsiva aos princípios do livre arbítrio de outrem era comum e frigidamente aceitável. O padre Manoel Ribeiro Rocha, por exemplo, escreveu em seu livro *Étiope resgatado - empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado: Discurso sobre a libertação dos escravos no Brasil de 1758*.¹⁷

Infelicidade é, e infelicidade das grandes; porém é justa, porque em tais circunstancias justos são [escravos] por direito natural, e das gentes, [é por direito adquirir] estes títulos para escravidão se contrair, e se [os escravos] haverem de sofrer todas as suas qualidades e abatimentos [que sofram].
(Rocha, 1758 s/p)

Só para de-maquilar a impressão que os alguns religiosos eram a favor da abolição. Eles eram a favor do afrouxamento das rédeas, para que menos negros morressem nos castigos e desta forma pudessem valer o preço que foi pago, sendo os próprios escravos os pagadores desta dívida se assim vivessem. Com poucas palavras fica a critério cognitivo e sentimento do leitor identificar-se ou não com essa realidade, isso vai depender de como lhe foi contada a história do “Descobrimento do Brasil”.

O fato é que, sentir-se no direito de possuir um escravo seja lá qual for a cor do desafortunado é o que caracteriza a ambivalência da relação entre negros e brancos, pobres e ricos, inteligentes e ignorantes, bons e maus. Enfim, achar que pode é diferente de poder e com o tempo até os cristãos mais brancos da face da Terra começaram a pensar na resistência do negro como algo natural também.

A questão é que Homi Bhabha cita Fanon em seu livro, e leva a fundo a ambivalência da relação homem de cor *versus* homem sem cor. Bhabha trata do pós-colonialismo e do mundo branco que Fanon também relata, sendo que o indiano diferente do martinicano conversa com outros autores de mesma ideologia significativa. Enquanto Fanon desconstrói um discurso racista de Mannoni, Bhabha constrói o sentido ambivalente das relações.

O saber e o poder, por exemplo, são questões tratadas por Bhabha e das linhas teorizadas por ele, lubrificaremos o espaço que o oprimido busca na sociedade atual. A busca por superioridade enquanto identidade transformou o lugar do oprimido em subserviência ao dinheiro e ao capitalismo.

Porque no pós-colonialismo escravista a paga pelos serviços tornou-se prática entre “trabalhadores” e patrões. Já os direitos trabalhistas são outros estilhaços de história que este presente artigo não se deterá. Pois a questão do lugar onde a força marginal fica na primeira década do século XXI, ainda está longe de atingir significativamente a supremacia

17 https://books.google.com.br/books?id=RN84QAAMAAJ&pg=PP13&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false livro digitalizado. Visto em 18 de junho de 2015.

na casta de cargos e salários da sociedade brasileira.

Os oprimidos ainda estão na fase de conseguir sair das escolas de ensino fundamental e médio, para talvez entrarem em uma universidade. O sistema educacional no Brasil tem uma etapa a qual é de extrema importância para a infância. As escolas de ensino infantil são o piscar da lâmpada a cima da cabeça das crianças brasileiras.

Acontece que, quem desde o início da vida teve uma atenção voltada para os seus dons e dotes, desenvolve com tranquilidade suas habilidades cognitivas e despertam-se para outra etapa escolar com linearidade e expertise. Já a criança que não recebe este abraço intelectual, entra na escola tardiamente e de alguma forma fica engrenada no meio das que conseguiram este “pó de pirlim-pim-pim do conhecimento cognitivo infantil”.

Estas crianças que demoraram dois anos ou três a mais que seus colegas para descobrirem a escola, estão nas estatísticas. Basta interpretar corretamente os dados cedidos pelo Governo Federal e suas formas de medir a sociedade, para aferir os saltos de matrículas de crianças de 0 a 7 anos entre 2001 e 2010. Simplificando, o lugar dos oprimidos e opressores brasileiros é de fato nas estatísticas, se positiva ou negativamente, mas, o ser humano é um dado numérico.

Dado este, que se investigado corretamente revela que quem está fora das escolas é quem está à margem da sociedade. Não existe mistério quanto a isso, e este estudo já revelou que o sujeito moderno (oprimido), pardo, negro ou branco, em um país capitalista, pós colonialista foi colocado em um lugar pré-moldado para ele. Provamos que o oprimido foi gerado pela beleza do capitalismo, e quando soltaram as amarras os oprimidos continuaram lá.

E vamos apontar o fato que as escolas quando utilizadas corretamente, podem de uma vez por todas contribuir para o fim da guerra que existe entre o ter e ser capitalista, onde ter dinheiro é mais importante que ter conhecimento e ser branco significa ter dinheiro.

As pesquisas e artigos estudados para contribuir com este texto, a respeito dos desafios e estimas da educação brasileira, têm uma fala bem dirigida ao fato dos indivíduos saírem das escolas precocemente ou repetirem muito de ano. Muitos atribuem este problema ao nível de renda da população estudada e até falam sobre a cor da pele dos cidadãos como estigma de inserção escolar, mas um fator não é apontado.

Nas tabelas estudadas observamos que em todas, cerca de 70% das crianças de 0 a 6 anos estão fora do ambiente escolar. E nas pesquisas de 2001 a 2011 feitas pelo IBGE, referentes a educação, todos os dados apontam para um super aumento de matriculados á partir dos seis anos de idade, no decorrer da carreira escolar o número de matriculados diminui, e uma queda significativa ocorre nos índices de matriculados nas idades entre 14 e 15 anos¹⁸.

Ocorre que 65% dos estudantes que conseguem terminar o Ensino Fundamental não se matriculam no ensino médio, repetem o ano, ou saem da escola. Olhando a tabela,

18 Informação extraída da Pesquisa Os desafios da educação no Brasil, fonte IBGE 2002.

é nítido que esses 65% que entram em defasagem são praticamente os 70% que já entraram tardiamente nas escolas. Apenas com uma pesquisa-ação destes dados com grupos sociais específicos é que podemos apontar com precisão quem são esses alunos que se enrolam no meio de campo educacional brasileiro.

Mas estatisticamente, já podemos abraçar a ideia que quanto mais novo o indivíduo é posto na fábrica do saber, mais chance de sucesso ele terá no decorrer da vida. A inserção das crianças nas instituições de ensino a partir dos 6 anos de idade não contribui para a adequação de alguns grupos sociais no ensino escolarizado, isto é fato. E a falta de oportunidade para os oprimidos no geral é muito maior que o tamanho desse problema.

Isto baseados no índice do IBGE de mulheres que tem entre 15 e 49 anos, menos de sete anos de instrução escolar, têm mais de um filho e moram em localidades com más condições de saneamento básico (favelas). Na pesquisa a população estudada é dividida por cor,¹⁹ e estas mulheres popularizam a margem da sociedade brasileira. E se as mães delas tivessem a cultura escolarizada como situação, todas elas talvez hoje ocupassem com seus filhos outro estilo de dado numérico da estatística²⁰.

Não como Paulo Freire interpreta a Pedagogia do Oprimido, mas bebendo de sua teoria. Seguimos concluindo que estar na situação opressora não é apenas possuir as características ideais. Como a moradia, a cor da pele, o poder aquisitivo, o poder intelectual e a beleza. Estas estão no topo das diferenças sociais, a influência do subconsciente é transparente, mas significa para o lado opressor o cano de escape dos preconceitos.

Como o ser humano se enxerga na situação oprimida e suas características peculiares que envolvem todas as já citadas, vista pré-conceitualmente de uma maneira estereotipada e mesquinha. É o que faz o oprimido sentir-se amarrado numa teia²¹ de significados imposta e imutável em curto prazo.

Paulo Freire estudou os oprimidos, viveu com eles. Mas de forma alguma nasceu um deles. Todo texto que antecede esta afirmação, vem embebida do peso da melanina. Frantz Fanon deixou claro que o fato de negar que existe essa diferença é negar a si mesmo. E nada muda o fato de o oprimido existir.

Colocados na ambivalência de Hommi Bhabha ressaltamos que a subserviência ainda existe de alguma forma na atualidade, assim como a resistência. Nada nos impede de continuar lutando, respondendo questões como estas nas academias intelectuais, usar um pouco do mundo branco ao nosso favor, sem se sentir menor e pior, sem querer vencer para ter e buscar vencer para ser.

19 Informação extraída da Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população Brasileira 2011.

20 Informação extraída da Tabela 12 do documento de consulta do Fórum Nacional de Educação 2011.

21 Ver em Nibert Elias - A sociedade dos Indivíduos.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Hommi K. 1949- O local da cultura / Homi K. Bhabha ; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2. ed. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2013.

BROCK, Colin SCHWARTZMAN, Simon. *Os desafios da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira , 2005. Disponível em <http://www.schwartzman.org.br/simon/desafios/1desafios.pdf>

DANIELS, Lauder e Porter , Young, Michael . *Para que servem as escolas? Michael Young The Routledge Companion to Education*. Routledge (ISBN 978-0-415-41113-4). Tradução de Márcia Barroso, com revisão técnica de Maria Inês Marcondes. (2007) Disponível em www.cedes.unicaamp.br

Educação Brasileira: Indicadores e desafios. Documento de consulta. Fórum Nacional de Educação. Ver em http://conae2014.mec.gov.br/images/pdf/educacao_brasileira_indicadores_e_desafios.pdf.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008.

FILHO, Geraldo Barroso. *Da educação “libertadora” a educação libertada: Um ensaio sobre o papel do estado nas utopias educativas. Pesquisas em teoria e história da educação* / organizador José Luís Simões – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. – 48^a Ed. Ver. – São Paulo: Global . 2003.

GATTI, B. A. *Estudos quantitativos em educação. Educação e Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, v. 30, n. 1, jan./abr. 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* / Stuart Hall; Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro – 7 ed. – Rio de Janeiro; DP&A, 2003.

HEYWOOD, Linda M. (org.) *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

ISSN 1516-3296 Estudos e pesquisas Divulga estudos descritivos e análises de resultados de tabulações especiais de uma ou mais pesquisas, de autoria institucional. A série Estudos e pesquisas está subdividida em: Informação Demográfica e Socioeconômica, Informação Econômica, Informação Geográfica e Documentação e Disseminação de Informações. IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

RIBEIRO, Darcy, 1922 - *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil* / Darcy Ribeiro. - São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Manoel Ribeiro. *Etiópe Resgatado – Empenhado, Sustentado, Corrigido, Instruído e Libertado: Discurso sobre a libertação dos escravos no Brasil 1758*. Versão digitalizada em https://books.google.com.br/books?id=RN84AQAAAMAAJ&pg=PP13&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false

VEIGA-NETO, Alfredo. *Cultura, culturas e educação. Revista Brasileira de Educação*, Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: ANPEd, n. 23, p. 5-15, maio/ago. 2003. Número especial.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e Linguagem*. Ed. Ridendo CastigatMores; Versão para ebook: EbooksBrasil.org; Fonte Digital www.jahr.org.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura familiar 67, 68, 69

Aluno 7, 53, 61, 69, 79, 80, 81, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 154, 158, 159, 163, 165, 166, 217, 218, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 229, 230, 233, 234, 235, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 257, 258, 269, 270, 272, 273, 276, 281, 282, 283, 285, 286, 287, 289, 290, 291, 292, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 305

Análise de conteúdo 108, 111, 216, 223, 230, 232, 235

Aprendizagem 2, 6, 13, 15, 25, 29, 30, 34, 35, 37, 61, 68, 69, 70, 80, 82, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 118, 119, 152, 159, 163, 207, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 229, 234, 235, 237, 238, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 256, 258, 268, 270, 278, 279, 280, 282, 289, 294, 295, 297, 298, 299, 300, 302, 303, 304, 305

Avaliação psicoeducacional 255, 257, 258, 259, 261, 262

B

Bilinguismo 237, 238, 240, 241, 243

BNCC 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38

Brasil 16, 17, 18, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 80, 108, 109, 111, 121, 122, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 148, 152, 167, 170, 173, 207, 208, 214, 215, 228, 230, 231, 235, 237, 238, 239, 241, 242, 243, 246, 255, 258, 259, 263, 264, 269, 270, 271, 273, 277, 278, 279, 281, 282, 289, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 303, 304, 305, 307, 308, 310, 314

C

Capitalismo 8, 14, 17, 131, 132, 136, 137, 138, 139, 140, 145, 146

Cidadania 18, 22, 26, 29, 70, 76, 125, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 149, 154, 168, 170, 173, 174, 228, 233, 302, 315

Comunicação 4, 36, 53, 55, 127, 142, 152, 173, 219, 233, 235, 237, 239, 240, 241, 246, 247, 248, 250, 251, 252, 253, 256, 260, 261, 267, 269, 271, 286, 290, 302, 308, 309, 310, 315

Consciência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 43, 127, 128, 140, 149, 170, 208, 213, 233, 239, 309, 312

Criança 62, 63, 125, 132, 236, 239, 247, 248, 257, 261, 262, 271, 281, 310

Curso 10, 14, 67, 68, 69, 70, 75, 76, 99, 100, 101, 118, 145, 148, 152, 153, 155, 196, 200, 212, 214, 217, 222, 223, 233, 245, 256, 270, 271, 274, 276, 278, 279, 280, 282, 283, 284, 285, 301

D

Deficiência 35, 103, 116, 156, 161, 164, 228, 229, 241, 247, 255, 256, 257, 258, 259, 262, 263, 264, 288, 289

Democracia 40, 55, 78, 79, 82, 84, 97, 122, 130, 138, 146, 170

Discente 277, 293

Diversidade 24, 28, 34, 35, 36, 48, 55, 63, 82, 152, 156, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 218, 219, 249, 297, 298, 299, 302, 305, 310

Docente 9, 11, 37, 77, 79, 96, 103, 105, 112, 114, 117, 119, 149, 160, 167, 188, 189, 191, 194, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 210, 213, 215, 276, 295, 297, 300, 302, 303, 304

E

Educação 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 109, 111, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 132, 133, 134, 135, 136, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 162, 163, 167, 169, 170, 173, 174, 184, 205, 207, 208, 209, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 237, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 245, 252, 253, 254, 258, 259, 260, 262, 263, 264, 266, 267, 268, 269, 271, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 284, 285, 286, 287, 288, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 304, 305, 306, 308, 309, 311, 312, 313, 314, 315

Educação do campo 24, 32, 35, 36, 39, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155

Educação inclusiva 71, 156, 158, 161, 162, 163, 167, 216, 218, 219, 220, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 239, 243, 244

Educação profissional e tecnológica 58, 63, 65, 280

Educadores 7, 10, 11, 12, 54, 58, 93, 97, 120, 148, 152, 178, 208, 213, 214, 226, 227, 261, 263, 275, 297, 298, 300, 301, 303, 304, 306, 311

EJA 212, 283, 285, 286, 287, 288, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306

Ensino 2, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 45, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 71, 77, 80, 81, 82, 99, 100, 104, 105, 115, 119, 120, 125, 132, 133, 144, 149, 152, 153, 154, 156, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 207, 208, 209, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 231, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 241, 242, 244, 248, 249, 250, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 269, 270, 271, 272, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 283, 284, 285, 287, 288, 289, 290, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305

Ensino de química 207, 209, 214, 215

Ensino religioso 25, 168, 169, 170, 171, 172, 173

Ensino superior 10, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 54, 62, 64, 105, 166, 212, 234, 283, 290, 301

Escola 1, 2, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 19, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 43, 44, 45, 49, 52, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 100, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 129, 130, 132, 144, 149, 151, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 184, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 231, 232, 233, 234, 241, 242, 244, 257, 258, 267, 268, 270, 271, 276, 278, 281, 282, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 298, 299, 300, 302, 303, 305, 312, 315

Escolarização 43, 47, 52, 54, 243, 244, 295, 296, 297, 299, 301, 302

Escola sem partido 1, 2, 7, 10, 11, 12, 13, 294

Estudante 2, 22, 33, 154, 169, 170, 265, 274, 275, 276

F

Família 81, 105, 120, 125, 134, 151, 160, 223, 246, 247, 250, 252, 253, 254, 259, 260, 285, 289

Financiamento 8, 18, 19, 21, 22, 40, 41, 42, 44, 45, 48, 50, 52, 55, 56, 141, 304

Formação 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 20, 24, 25, 26, 28, 29, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 48, 49, 51, 52, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 103, 106, 109, 112, 119, 120, 125, 128, 134, 137, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 161, 169, 170, 172, 208, 213, 214, 217, 218, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 229, 232, 233, 234, 237, 239, 244, 254, 262, 264, 269, 270, 275, 277, 280, 281, 285, 294, 295, 297, 298, 300, 301, 303, 304, 306, 313, 314

G

Gestão 37, 45, 48, 49, 52, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 84, 85, 113, 119, 154, 221, 224, 284, 315

I

Ideologia 6, 7, 13, 14, 15, 18, 27, 65, 74, 84, 125, 129, 131, 137, 149, 281

Idoso 174, 259

Inclusão 33, 35, 48, 54, 55, 122, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 253, 259, 263, 269, 277, 302

Intervenção 8, 29, 42, 138, 139, 140, 150, 174, 250, 251, 252, 257, 258, 260, 307, 310, 311, 312, 313

L

Libras 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243, 244, 251, 252, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 275, 276, 277, 278

Liderança 85, 97, 223

Língua 25, 32, 127, 142, 165, 222, 231, 233, 234, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 251, 252, 254, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 273, 274, 275, 276, 277, 278

M

Mercantilização 13, 16, 17, 18, 22, 34

N

Necessidades educativas especiais 216, 218, 219, 227

O

Orientação educacional 286, 289, 290, 294

P

Paulo Freire 122, 123, 133, 136, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 287, 297, 299, 304, 306

PEC 55 16, 17, 19, 20, 22, 38

Políticas públicas 13, 14, 26, 28, 40, 41, 44, 45, 48, 52, 54, 97, 120, 143, 156, 158, 191, 277, 304, 305, 308, 310, 315

Práticas educativas 48, 120, 216, 219, 223, 225, 241

Professor 1, 10, 11, 14, 21, 26, 29, 31, 32, 33, 37, 38, 45, 52, 67, 81, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 153, 166, 168, 169, 171, 172, 219, 220, 222, 223, 225, 226, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 244, 254, 267, 276, 280, 295, 296, 298, 299, 300, 301, 302, 304, 305, 306, 315

Projeto pedagógico 69, 113, 147, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 286

Psicologia 1, 2, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 223, 244, 253, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 263, 290, 294, 308

R

Reações químicas 207, 209, 210, 211

Relação pedagógica 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

Religião 116, 130, 170

S

Supervisor 99, 100, 101, 102, 106

Surdo 230, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 265, 266, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 277, 284

V

Violência 82, 83, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 128, 129, 139, 157, 158, 163, 174, 293, 309, 310

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Políticas Públicas na Educação e a Construção do Pacto Social e da Sociabilidade Humana

2


Ano 2021

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Políticas Públicas na Educação e a Construção do Pacto Social e da Sociabilidade Humana

2


Ano 2021